

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA ESCOLA
SUPERIOR DE ARTES E TURISMO – ESAT – TEATRO

MEMÓRIAS
DE
UM
CONTADOR
DE HISTÓRIAS

ÍTALO DE ALMEIDA COSTA

MANAUS-AM 2021

ÍTALO DE ALMEIDA COSTA

MEMÓRIAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO AO CURSO DE TEATRO DA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS -
UEA, COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE BACHAREL EM TEATRO. ORIENTADORA:
VANESSA BENITES BORDIN

MANAUS-AM 2021

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO INTITULADO "MEMÓRIAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS", DE AUTORIA DE ÍTALO DE ALMEIDA COSTA, FOI JULGADO ADEQUADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM TEATRO PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO E APROVADA, EM SUA FORMA FINAL, PELA BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA POR

ORIENTADORA: VANESSA BENITES BORDIN

MEMBRO DA BANCA 1: GISLAINE REGINA POZZETTI

MEMBRO DA BANCA 2: CAROLINA CECÍLIA CARVALHO NOGUEIRA

Remove Marca d'água Wondershare PDFelement

**AMAZONAS**
GOVERNO DO ESTADO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Criada pelo Decreto Estadual nº 21.963, de 27 de junho de 2001
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO

 U.E.A.

Aos trinta dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e um, às dezenove horas, nas dependências da Escola Superior de Artes e Turismo, sala online via google meet, reuniu-se a Comissão Julgadora do Artigo do(a) Acadêmico(a) **ÍTALO DE ALMEIDA COSTA** sob o título MEMÓRIAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS que compõe, com a Montagem Cênica, o Trabalho de Conclusão de Curso de Teatro –Habilitação Bacharelado . A comissão está constituída pelos(as) Professores (as) Vanessa Benites Bordin (Orientadora/UEA), Carolina Cecília Carvalho Nogueira (UEA) e Gislaíne Regina Pozzetti (UEA). Após arguir o(a) candidato(a) e ouvir seus esclarecimentos, deliberou-se a **APROVAÇÃO** do(a) aluno(a).


Prof. Dra. Vanessa Benites Bordin
(Orientadora)


Prof. Ma. Carolina Cecília Carvalho Nogueira
(Membro Titular)


Prof. Dra. Gislaíne Regina Pozzetti
(Membro Titular)

Universidade do Estado do Amazonas - www.uea.edu.br
Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Blücher, 1728 - Praça XV de Novembro
Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69019-170
Telefones: (02) 3878-4411 / 3878-4419 / 3878-4421

MEMÓRIAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Ítalo de Almeida Costa

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Benites Bordin



DEDICATÓRIA

DEDICO ESSE TRABALHO À MINHA TIA MARIA DO CARMO (IN MEMORIAN), AOS MEUS PAIS, AMIGOS E COMPANHEIROS DE JORNADA NO CAMINHO DAS PALAVRAS.

RESUMO

ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC APRESENTA UM MEMORIAL DO ARTISTA ÍTALO ALMEIDA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS ANTES E DURANTE A FACULDADE DE TEATRO. ESTE TRABALHO SE DESDOBRA SOBRE A POÉTICA DA VIVÊNCIA ARTÍSTICA NO ÂMBITO DAS LINGUAGENS QUE PERMEIA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, APRESENTANDO NAS ENTRELINHAS ALGUNS CONCEITOS, EXPERIÊNCIAS CÊNICAS E ENCONTRO COM A LITERATURA A PARTIR DO TEATRO E PROMOVENDO A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NO TEATRO.

PALAVRAS-CHAVE: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, MEMÓRIA, VIVÊNCIA, NARRAÇÃO.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Vanessa Bordin pela disponibilidade e as lindas experiências que me proporcionou na Universidade.

Às professoras Gislaine Regina Pozzetti e Caroline Cecília pela sensibilidade e pelo estímulo a escrever minhas memórias.

À Universidade do Estado do Amazonas.

À meus familiares que sempre me apoiaram, minha mãe Vanda Almeida, meu pai Evilasio Costa e minha Tia Maria do Carmo, que, se estivesse em vida estaria esbanjando alegria por essa conquista.

Ao meu companheiro de vida Matheus Neves por ser o maior ombro do mundo, ouvir meus sonhos e valorizar meu trabalho. Eu te amo.

Às companhias que me formaram: Companhia de Teatro Metamorfose, Companhia Trilhares e ao Coletivo de Histórias, espaço onde dou continuidade a tudo aquilo que aprendi.

Aos meus amigos de cena, do teatro e do cinema, que pulsam arte nas veias me estimulam cada vez mais a ser melhor. Gratidão a todos aqueles que de alguma forma também estão nas entrelinhas dessas memórias.

SUMÁRIO

DA FLOR DAS PALAVRAS NASCERAM AS HISTÓRIAS - 9

A POESIA DO NARRAR E OUVIR - 14

SEMPRE QUIS CONTAR, NUNCA ESPEREI VIVER - 17

ANTES DE FALAR, OUVIU. - 22

ANTES DE ATUAR, FALOU - 28

UMA ESTRADA DE TIJOLOS AMARELOS - 33

UM PASSARINHO ME CONTOU - 39

REFERÊNCIAS - 43

DA FLOR DAS PALAVRAS
NASCERAM AS HISTÓRIAS

Um conto, para começar.

Ecoa-se uma lenda entre os que se aventuram no perfume das palavras...

Há muito, muito tempo atrás

a Floresta assistia um passarinho valente sendo perseguido por uma criatura misteriosa, de asas enormes e que exalava poder.

Dizem que o passarinho carregava entre os bicos um pouco de água e voava decidido para um destino ainda desconhecido no centro da floresta.

A criatura perseguia o pequeno passarinho, arrebatando os galhos logo atrás e fazendo um som que nunca conseguiram descrever.



O passarinho mantinha-se em silêncio, atravessando com toda coragem o caminho até seu objetivo, a água estava guardadinha entre seus bicos e quanto mais pensava nela mais acelerava.

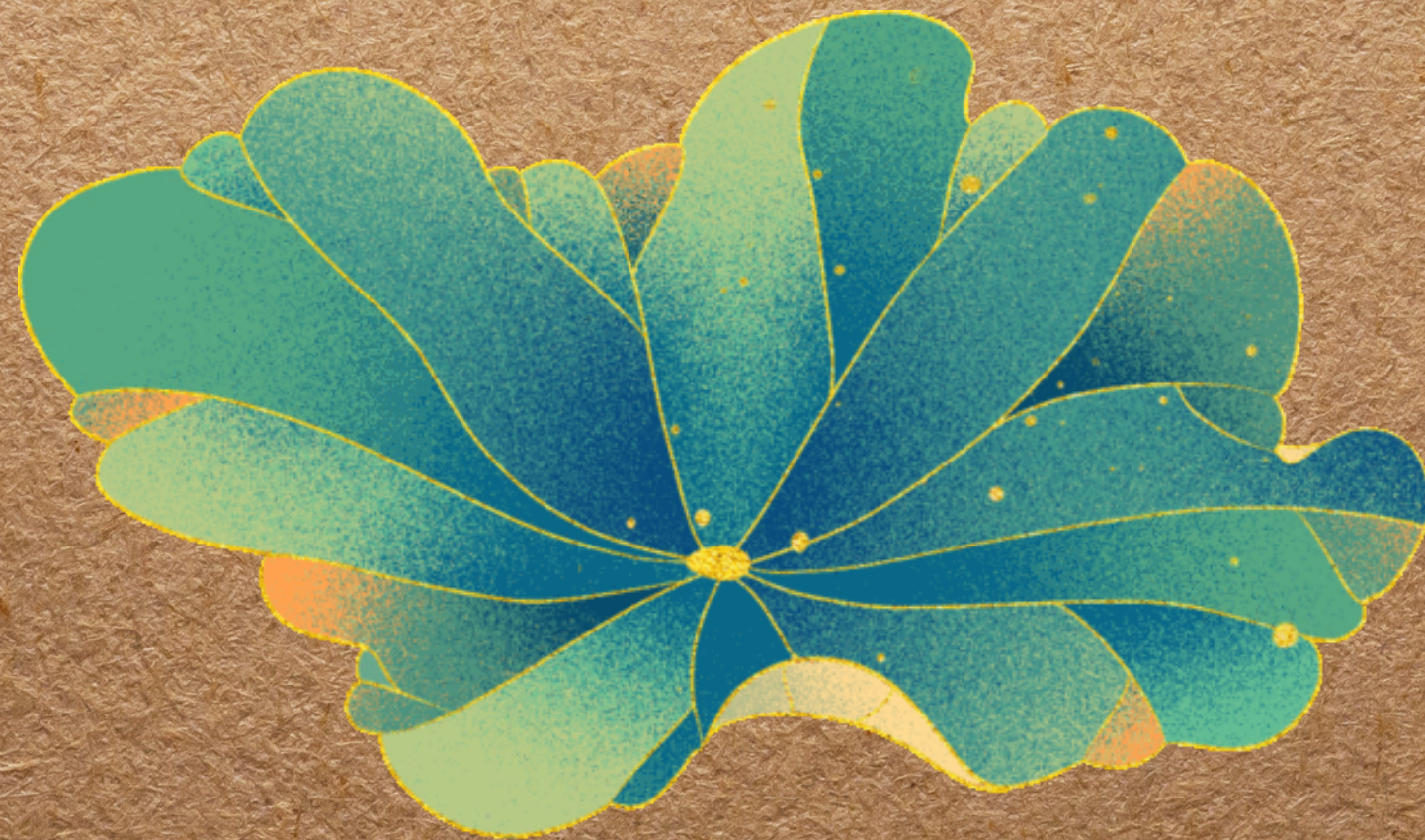
A criatura percebeu que era tarde demais para alcançar o passarinho, que ao chegar em seu destino subiu tão alto que o sol impedia a criatura de reagir.

Em fúria, a poderosa criatura gritou tão alto que toda a Floresta abafou as orelhas e fechou os olhos. Enquanto gritava, e ninguém podia ver bem, o passarinho rodopiou no ar com alegria, emocionado de ter chegado onde queria.

Lacrimou.

Suas lágrimas se juntaram à água entre seus bicos e foi derramada sobre uma semente logo abaixo.

Estava feito. A criatura perdeu seu grito o passarinho voou para longe e a semente de forma mágica começou a brotar, crescendo e dando uma flor que nunca se viu igual. Ao longo do tempo, todos que se aproximavam daquela flor e sentiam seu cheiro ficavam inspirados a descrevê-la em palavras, embora parecesse uma tarefa impossível. Sempre que tentavam, novas histórias sobre a flor nasciam e ela crescia (mesmo). Suas pétalas ficavam mais longas como se abrissem espaço para receber novos admiradores, e a cada novo encontro, sua cores ficavam mais vívidas. No frio do inverno, a flor não chegou a morrer. Lembrava de sussurros entre viajantes que por ali passavam, nutrindo-se daquilo que compartilhavam ao sentir seu cheiro.





Que cheirosa. Por muito tempo recebeu muitos nomes, inspirou e guardou em suas raízes diversas histórias que teve, ainda que paradinha no seu lugar. Um dia, seu cheiro parou de exalar, mas nem um pouco menor a tal da flor estava. Os que por ali passavam, inventavam motivos pelos quais aquilo acontecera. A flor lá ficou ainda esplêndida nas cores que você puder imaginar agora. Alguns dias se passaram e a floresta assistiu novamente o pequeno passarinho atravessando entre as árvores. Dessa vez, não estava a ser perseguido e nem ter seu plano impedido.



O Passarinho Majestosamente pousou na flor para ouvir, perceber e sentir atentamente o movimento que o vento fazia em suas pétalas. Imaginou, diante de tamanha poesia, que histórias dali nasceriam. Dizem que daquele encontro Da flor das palavras e o passarinho Nasceram as histórias.

Ítalo Almeida

A POESIA DO NARRAR E OUVIR

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como recurso vital e fundamental. Sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível.

BEDRAN, 2012, p. 25

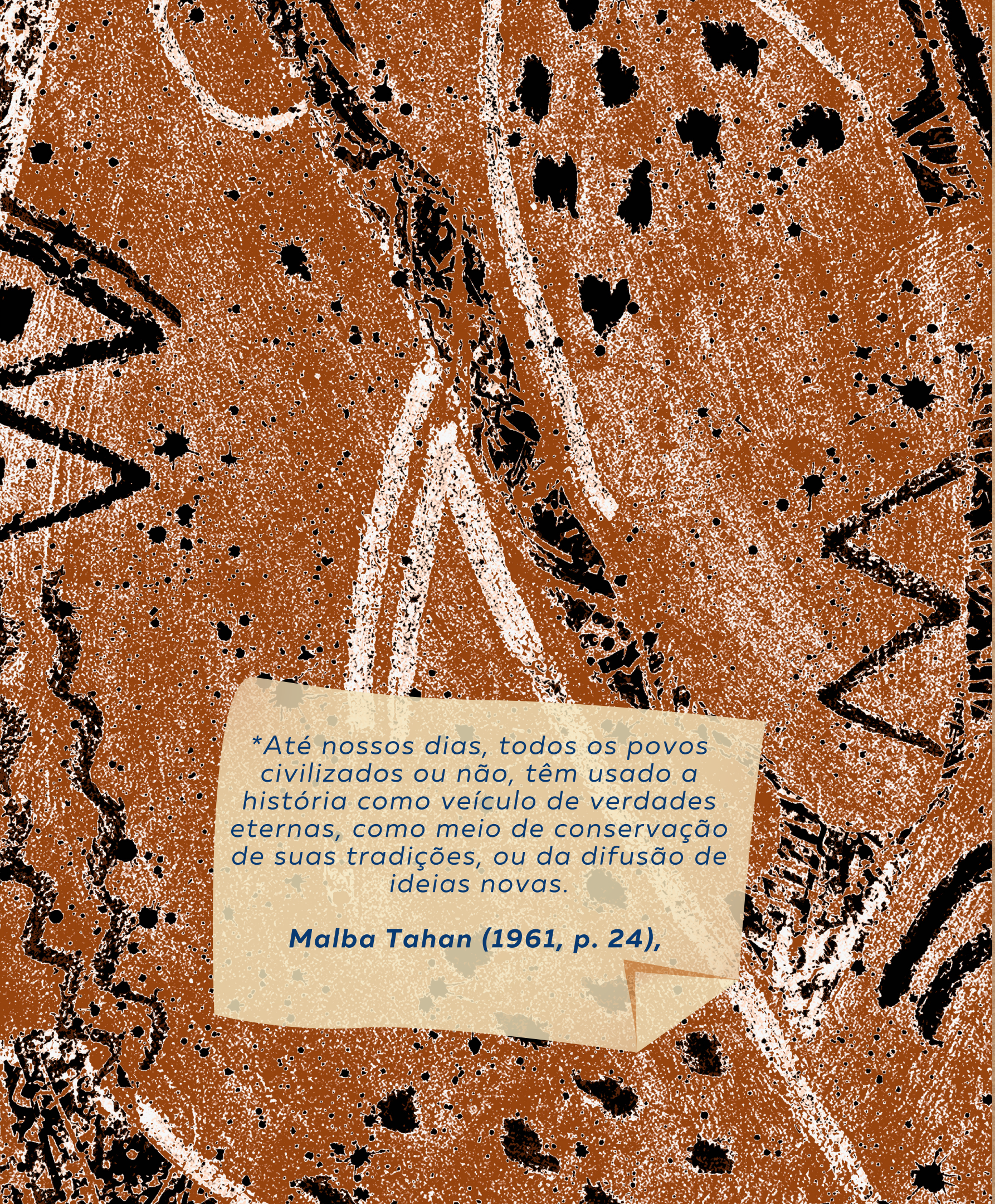
Ouvi dizer que aqueles que narram e ouvem histórias já o fazem **desde os tempos mais primitivos**, nossos ancestrais sobreviveram enquanto compartilhavam as histórias de suas caçadas, a chegada do frio e da colheita, da fome e das luzes que brilhavam no céu quando tudo ficava escuro.

Dizem que a chuva anunciava a natureza a regar o solo, a descoberta do fogo aqueceu os momentos em que todos se olhavam em roda, alimentava a carne e alma de cada povo.

As histórias muitas vezes os salvaram, e assim, diante da inquietude de sobreviver e se expressar, passaram a compartilhar mais e mais vezes seus medos e vitórias, protegendo e criando conexões entre outros povos.

Nossos ancestrais, aos poucos, foram utilizando gestos para contar, peles de animais, sons, desenhos, danças, ainda que sem saber, expressavam de forma vital o desejo de que um novo dia viesse sem medos e mais abundante.





**Até nossos dias, todos os povos civilizados ou não, têm usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas.*

Malba Tahan (1961, p. 24),

Com o passar dos séculos, aqueles que narravam histórias encontraram, assim como nossos ancestrais, novas formas de contar ao mundo aquilo que os emocionava.

Foi inevitável, tu deves imaginar, que nada iria parar as tramas contadas aqui e ali. Assim como a flor, as histórias apareciam para todos que por ela queriam se expressar, **desde aqueles que cultivavam os valores de seu povo, bem como os poderosos que queriam imperar sobre todos***. Por vezes, as histórias também assombravam e criavam desavenças até que novos olhares surgissem e o final pudesse ser reescrito para estabelecer alguma paz. Em outros casos, as narrativas estavam a ressoar e a ganhar novos ares.

A Poesia do narrar e ouvir, embora nunca tenha sido esquecida pelo tempo, tomou outras formas e aqueles que narravam passavam a ocupar outros espaços na cultura de cada povo. Em um piscar de anos e milhares de novos caminhos abertos, lá estavam as Histórias: em livros, poemas, canções, espetáculos de teatro e ópera, nas ruas, no boca-a-boca, ainda nas rodas aquecidas por uma fogueira, antes de dormir, nos filmes, séries.

Contadores de histórias sobreviveram até os tempos atuais, com seus repertórios, sua voz, as palavras, sua cena, seu expressar. Inícios, meios e fins.

SEMPRE QUIS CONTAR,
NUNCA ESPEREI VIVER

Expressar-se como sujeito criativo e sensível, com diferentes linguagens, sensações corporais, necessidades, opiniões, sentimentos e desejos, pedidos de ajuda, narrativas, registros de conhecimentos elaborados a partir de diferentes experiências, envolvendo tanto a produção de linguagens quanto a fruição das artes em todas as suas manifestações.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília. MEC/SEF, 1998.

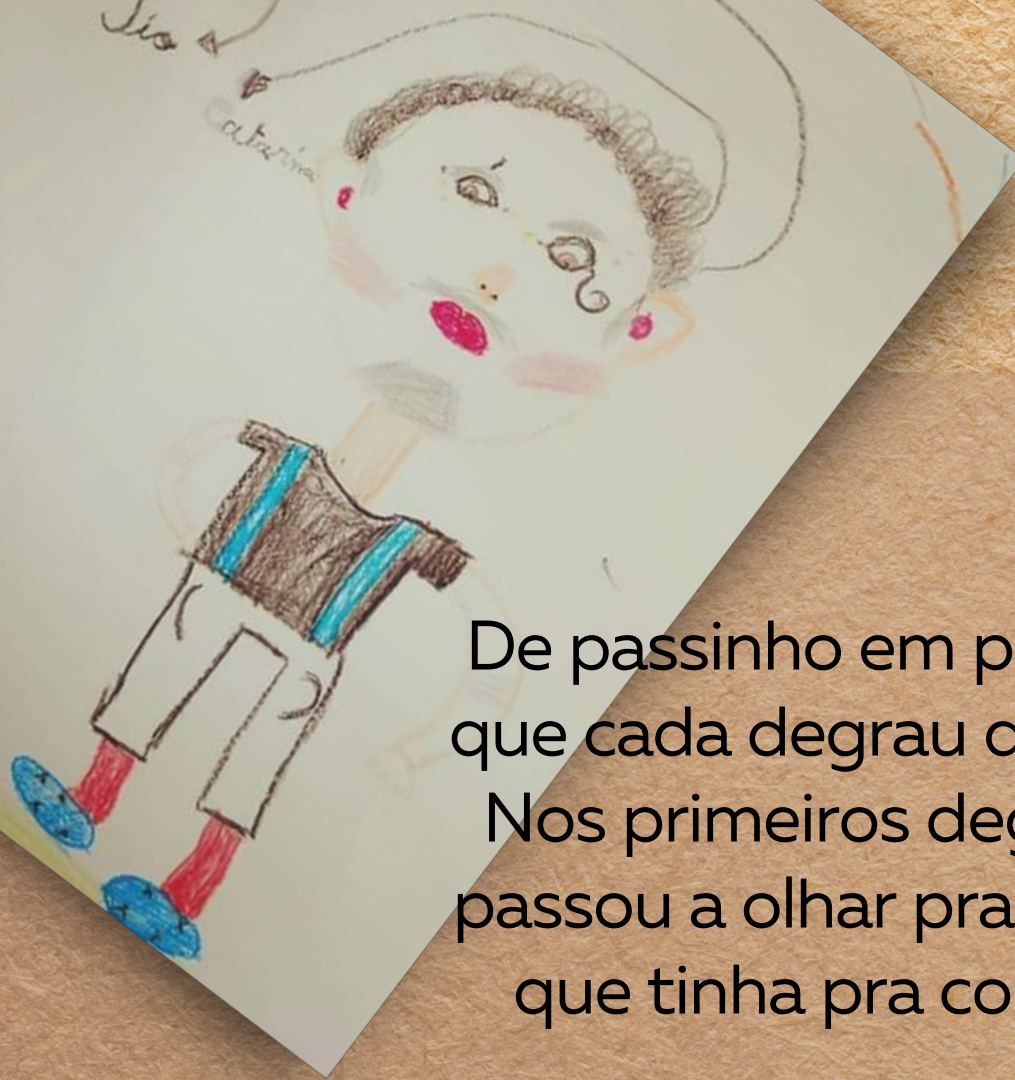
Essa é uma história que, como autor, sempre quis contar, e, como artista, nunca esperei viver. Como autor me faz sentido parar agora mesmo, respirar fundo, e tentar que um poema escoe pelos meus dedos e uma linda rima te convide para o início dessa história. Quando o Contador de Histórias nasceu.

Às vezes,

fazer poesia sobre nascimentos é um pouco confuso. Você já viu um parto? Eu nunca. Mas dizem que os nascimentos são como uma montanha russa de sentimentos e sensações. Logo que nasceu, em seus primeiros minutos, o pequeno contador sentiu-se, talvez, só, e mesmo tão pequeno já começava a viver sua primeira história de berçário.

A Mãe conta que não parecia com ninguém da família. Perguntou até se outro bebê que estava ao lado não era, de fato, o pequeno contador.






Imagina.

De passinho em passinho, lá se vai o pequeno contador de histórias, tão pequeno que cada degrau da escada-vida parecia enorme e cada vez mais curioso de subir.

Nos primeiros degraus, quando percebeu que ele e sua mãe não eram o mesmo, passou a olhar pra si, suas mãos, pezinhos, olhos, boca, nariz, cabelo, e tudo aquilo que tinha pra conseguir dizer ao mundo o que queria. Tão pequeno, o que um contador daquele tamanho poderia querer?

O Universo de um pequeno contador que está crescendo é repleto de aventuras entre mundos, misturas, retalhos de descobertas. Se pudesse pensar na infância dele, descreveria como sendo um sonho. Sim. Sabe um sonho daqueles que tudo se junta? em que os desenhos da TV viram bonecos, sobem em uma mangueira de quintal e constroem uma fortaleza para no fim do dia cantar **Hakuna Matata** com a letra-errada-mas-carregada-de-emoção? Parece um sonho se imaginarmos cada situação, não? O pequeno contador não sabia. Só vivia.

Colecionava aos poucos, pequenos causos mesmo antes de saber recontá-los, mesmo antes de não saber muitas palavras.



Somos todos contadores de histórias e personagens de nossas próprias histórias. Nossa habilidade de fabular e dar sentido para tudo o que conhecemos, nos diferencia dos outros animais. Mesmo antes de nascer, as fábulas a nosso respeito já começam a existir. O nome que para nós é escolhido já vem de uma história de família, de um filme, já está carregado de histórias. Sem as referências que construímos ao longo da vida e o desenvolvimento da linguagem seríamos como os animais que não conseguem distinguir o bem do mal, certo ou errado, não registram a passagem do tempo, não criam histórias de ficção para explicar suas atitudes e o que não conseguem explicar, não se preocupam com a morte ou com o que vem depois.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. um breve estudo sobre a humanidade. Porto Alegre. L&PM, 2010.



Sobre as primeiras palavras, ninguém da família sabe dizer ao certo, o que me parece é que importava muito mais as palavras que formavam frases, tipo das que agradeciam a Dinda pelo bolo caseiro. **Mas palavras não bastavam***. O choro, por exemplo, as faziam virar chuva. Inseguro, seus olhos pediam proteção da Tia quando a mãe queria ensinar algo difícil de entender. A dita teimosia o fazia dar passos lentos em direção ao perigo ao passo que olhava a reação de todos só pra ver como reagiriam. Será que estava seguro?

Era naquela família, de milhões e milhões de famílias, que aquele pequeno contador aprendia a falar, não só com as palavras, mas com tudo que tinha. Acho mesmo que uma das suas primeiras histórias foram palavras soltas sobre o bolo da Dinda ser muito bom, era uma história que também só tinha com ela. Ela, ele e o bolo. ou talvez sem essa vírgula mesmo? Ela ele e o bolo. Isso mudaria a história? o pequeno contador não precisava se perguntar, era ali naquele recorte do tempo que entendia que aquela história era assim, tinha cheiro, sabor, os olhos encantados e um bolo feito com amor.

Falando em palavras difíceis de descrever, o tempo passou e outras histórias aquele pequeno contador viveu. Atrevo-me a contá-las no meio dessa história, como se tudo fosse um sonho desses que falei, e sinto que não poderia ser diferente.


*Para Piaget (1975 apud Luiz Zorzi, 1993 p.16)
No estágio pré-operatório ou inteligência simbólica, ocorrerá o aparecimento da linguagem e da brincadeira simbólica que:

“(...) está ligado à formação da função simbólica que diz respeito à capacidade de representar. Tal função envolve, além da linguagem e da brincadeira simbólica as imagens mentais, a imitação diferida e a resolução de problemas por combinação mental de ações. O simbolismo, enfim, se estende a todas as condutas que revelam a capacidade de evocar coisas ou situações ausentes, que vão além daquilo que pode ser percebido”.

ANTES DE FALAR, OUVIU

Talvez uma maneira de pensar a escuta seja aquela de ver o que nos interpela, o que nos chama, o que nos visita; seja atentar para os resíduos, e não resistir a isso e aí continuar trabalhando. É como estar atento não ao exterior, mas ao eco do fora. Um corpo-eco não daquilo que estamos fazendo, mas daquilo que se faz – e ressoa em nós – enquanto estamos fazendo – ou pensamos fazer – outra coisa. É preciso que haja exterior (distância) para o eco poder operar.

A noção de escuta: afetos, exemplos e reflexões Tatiana Motta Lima (p.7)



Vivendo em seu universo, mas, passeando por outros planetas, o contador já não era mais tão pequeno, ainda que carregasse consigo uma mala com histórias que não sabia contar, só imaginar.

Embora sempre soubesse, nunca conseguia dizer o que faltava para que pudesse contar e encenar aquilo que o emocionava, sempre pensou que precisava começar, ensaiar, falar, mas tinha perguntas que pairavam sobre a cuca. Quando é mesmo a melhor hora de contar histórias? aquele contador precisava fazer algo para que suas perguntas fossem respondidas.

Foi assistindo, pela primeira vez, uma apresentação de teatro com Contadores de Histórias da [Companhia de Teatro Metamorfose](#), que percebeu. Era um [teatro de arena](#), sabe? Estava lá sentadinho, ouvindo aqueles contadores começarem a fazer poesia sobre sua própria arte:

Dizem que, a melhor hora de se contar histórias, é quando o sol está se pondo.

Era, para ele, provavelmente, cinco da tarde.

É quando todos se reúnem ao redor de uma fogueira... (som de meia-lua) e ficam em silêncio para ouvir e assim fazer parte do mundo mágico das histórias.

Sem desviar o olhar, ele ouviu.

Ouviu mesmo, sabe? Como quando não precisa falar, só escutar a poesia do que é contar uma história? Era clara toda a expectativa, estava ele na melhor hora, diante de Contadores de História e, embora não tivesse uma fogueira, conseguia escutar os estalos da brasa e o calor que convidava pro conto que ia começar.





Estava tudo lá. O espaço, a luz, a cena contada e encenada. A história era sobre um rato que queria um beijo brilhante da lua. Ora, estava anoitecendo, ouvia: *Rato meu querido rato eu não sou assim de fino trato pra selar este contrato...* Os personagens eram crianças que contavam histórias, Contadores e cantavam, seus **objetos de cena pontuais, artesanais e feitos para aquele universo daquela história** encantavam o contador que assistia.

Foi a primeira vez que viu um **baú** em cena e percebeu que as panelas velhas da tia podiam também tocar uma marcha nupcial para o casamento de um Rato romântico. A noite escura, por fim, virou o altar do Rato e seu par - que não vou revelar pois vai que a lua, a nuvem, a brisa ou a parede resolvem contestar?

E é só isso que se sabe. Disseram os contadores ao fim.

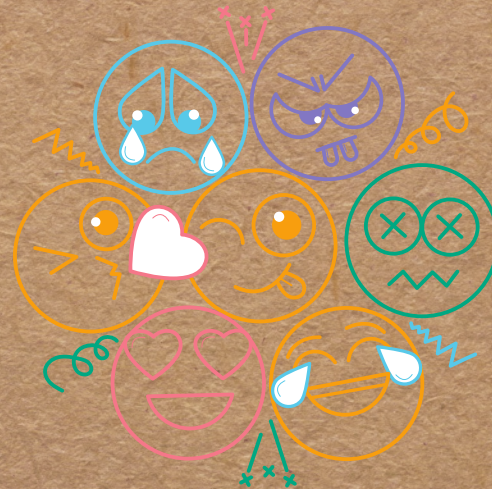
Como assim, *e é só isso que se sabe?* Pareceu uma provocação, como se dissessem:

Quer saber mais? Procure.

E o contador foi procurar.

Antes de sensibilizar o ouvinte, o conto precisa sensibilizar o narrador, uma vez que sua maneira particular de enxergar o conto vai ser a mesma maneira com que o outro irá vê-lo, já que o envolvimento afetivo com a história permite ao narrador uma maior flexibilidade e maior, ou melhor, domínio ao conduzir a narrativa, permitindo que as expectativas sejam atendidas.

TÉCNICAS TEATRAIS E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. UMA BOA PARCERIA. VALÉRIA SANTOS DA SILVA - UNESP (p.4)



Antes de falar, escutou aquilo que podia em outros espetáculos e em pouco tempo já estava naquela mesma companhia atuando em **Chapeuzinho Amarelo** do grandioso Chico Buarque de Holanda. Era meados de 2011 quando o teatro musicado da Companhia **estreou no Festival de Teatro da Amazônia** e acabou até mesmo sendo premiado com o grande prêmio da noite.

Os festivais de teatro na época também já traziam grandes trocas entre artistas e eram novos planetas que o contador poderia pousar.

partir daquele espetáculo o trabalho com teatro ganhou novas raízes, o contador abria, aos poucos, espaços em que **além de ouvir, podia falar, dançar e cantar os medos.** Dali, a sua mala de histórias não contadas já estava cheia, era preciso uma maior que coubesse as que estavam prestes a ser contadas.



Imaginou?

Pronto! Uma nova mala!

Do lado da história de Chapeuzinho, coube outra sobre um pingo de chuva chamada [Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove, de Sylvia Ortoff](#)

que também [circulou na cidade e nos festivais](#), olha que legal!

O contador sorria.

Suava e sorria. Não era corrida, a vida de artista também sofrida.

Eita. Acho que pra contar o que virá vou agora mesmo respirar fundo e devagar, os pulmões do contador dessa história que conto se enchem de ar, como se o corpo mais oxigenado de cada experiência fosse ainda o começo no meio da jornada.



ANTES DE ATUAR, FALOW

Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Abramovich (2003, p.18)

Até esse momento, você já deve ter percebido que sou o Autor e também o tal do contador, e, se não percebeu... pronto! Revelo mesmo essa licença poética tipo os Autores rebeldes fazem.

Pensava o contador que queria mesmo era falar, botar pra fora a vontade de contar histórias pelas cidades. Assim o fez. Logo após virar pingo de chuva em cena, dançando a poesia de Ortoff, o tal do contador passou a atuar na [Companhia Trilhares](#) e lá foi por onde se apresentou em diversos lugares pela cidade: espaços culturais, teatros, festas, casamentos, escolas, feiras urbanas...

Era como se o tal do contador tivesse tudo nas mãos. Não tinha.

Os guardiões do tempo que também guiam essa história, acabaram por revelar ao tal do contador que havia um grande poder imbuído em tudo que era contado. os grandes clássicos dos irmãos Grimm, os Contos de Fadas e Lendas Amazônicas eram os repertórios que faziam parte das apresentações. Ora, imagine só que não demorou muito para que os finais clássicos fossem contestados. As histórias que o tal do contador contava não pareciam dar espaço para o que o público engajava ou chegasse a propor.

Improvvisa!

Tá: As histórias que o tal do contador contava deveriam ser também as histórias de quem ouve.
ou: As histórias que o tal do contador contava podiam ganhar novos rumos se quem ouve também pudesse falar quando a história pedisse. Imagino que foi mais ou menos assim que ele deve ter pensado.

Antes de atuar para a plateia, precisava falar com ela. Falar mesmo, como se estivessem lá mesmo, ouvir seus risos e acalantar as emoções, entender que o convite estendido também é respondido com a inquietude de ser **coautor** de uma boa história.

Como assim a princesa não foi enfrentar o Dragão?

Era me dito que as histórias terminavam com "E foram felizes para sempre", mas o fato é que nas histórias que o tal contava a princesa não era feliz em estar na torre do castelo esperando soluções, queria mesmo treinar com as guardas reais e ir derrotar o dragão.

Por fim, a plateia mesma definiu o destino da princesa: ao invés de derrotar o Dragão, o domou, ou, como as crianças também disseram: ficaram amiguinhos.





Naqueles anos, sentia o tal do contador que precisava repensar os conflitos, olhar os vilões de cada conto com outros olhos, pois era isso que o público estava a fazer.

Improvisando aqui e ali, o tal do contador precisava estudar para fazê-lo bem, sentia que precisava trabalhar em seu próprio vocabulário e ir para além do que já estava escrito nas tradicionais histórias que contava.

Era preciso, nem pra ser mais nem menos, mas pra conseguir falar com aqueles novos públicos.

Falar, antes de atuar.

Era preciso escrever suas próprias histórias, ou, pelo menos, poder criar novos rumos para novas perguntas que surgiam. Naquela época - e que bom não ter sido diferente - o melhor que podia fazer era estudar, mas estudar mesmo esse espaço entre a palavra e o outro e tudo que o sol tocava na história que viria, era preciso abraçar os vilões, entende? Muitas vezes precisava encarar o terror dos conflitos e ter outras soluções, precisava atualizar pois não cabia mais dentro de si histórias tão boas que não pudessem ter um segundo olhar sobre para onde tudo iria, e seria mesmo um final feliz?

Longe ainda de um final, esse era o dilema do tal do contador que estava no meio do caminho, será que escrever suas próprias histórias o daria mais voz e menos temor? Se as palavras faltassem, improvisaria sem medo? Estava ele contente com a bagagem que tinha? Talvez não. Eram naquelas perguntas que morava o desejo de falar, mas falar com qualidade até mesmo os finais mais previsíveis.

O tal do contador estava subindo mais um degrau da escada-vida e, dessa vez, estava a entrar para a faculdade de Teatro, na Universidade do Estado do Amazonas, um lugar também mágico e habitado por seres diversos que se conectavam pela arte.

Sabia que por ali, seus caminhos teriam mais contornos, talvez estranhamente sinuosos com a estrada de tijolos amarelos de Oz. Pensava ele que faltava algo, como o coração do Homem de Lata, ou a coragem do Leão covarde. Para uma história com bons conflitos, carecia ter, na cabeça e no coração a oportunidade de aprender sobre a arte de fazer teatro.

Pelas estradas sinuosas seguiu rumo ao desconhecido.



UMA ESTRADA DE TIJOLOS AMARELOS

Na cultura popular, a estrada de tijolos amarelos passou a significar uma recomendação que deve ser seguida com a esperança de que levará a coisas boas. Qualquer percurso nesta estrada começa com a firme decisão de avançar.

O caminho era repleto de possibilidades.

Inicialmente, a passos curtos, o Contador passou a explorar outras linguagens, contando histórias ainda que sem narrá-las. Foi na faculdade que passou a muito ouvir sobre Dramaturgia, jogo, improviso e todos os recursos que o teatro podia apresentar. Ora, era impossível não se emocionar diante da harmonia, pensada, ensaiada e dirigida para a poesia virar cena. Os amigos de faculdade sempre estavam a explorar, convidar e provocar novas discussões sobre o que faríamos com aquele espaço entre eles e os outros, e, no caso do Contador, entre a história e o espectador. Estava a perceber as estruturas que eram movidas naquele espaço de tempo em que os olhos e ouvidos de quem assiste seriam também coautores daquele teatro. Criar as primeiras esquetes na faculdade foi um passo o qual o Contador veio a perceber melhor sobre aquilo que lia e ouvia.

Dramaturgias e suas variadas estruturas passavam a organizar aquilo que era essencial para que cada cena contasse a história, que cada quadro ou vai e vem entre as coxias era sempre orquestrado, em harmonia.

Seus **diálogos, subtextos, intenções e descrições do universo das personagens** era algo a ser explorado, mexido e remexido até ficar no ponto. Dramaturgias também são atualizadas, e com isso, o Contador passou a remexer para chegar em diferentes pontos. Foi escrevendo um monólogo em um exercício de texto e encenação que percebeu outras camadas que uma história poderia ter. Nesse exercício era preciso fazer a história com um título já definido. É mole?



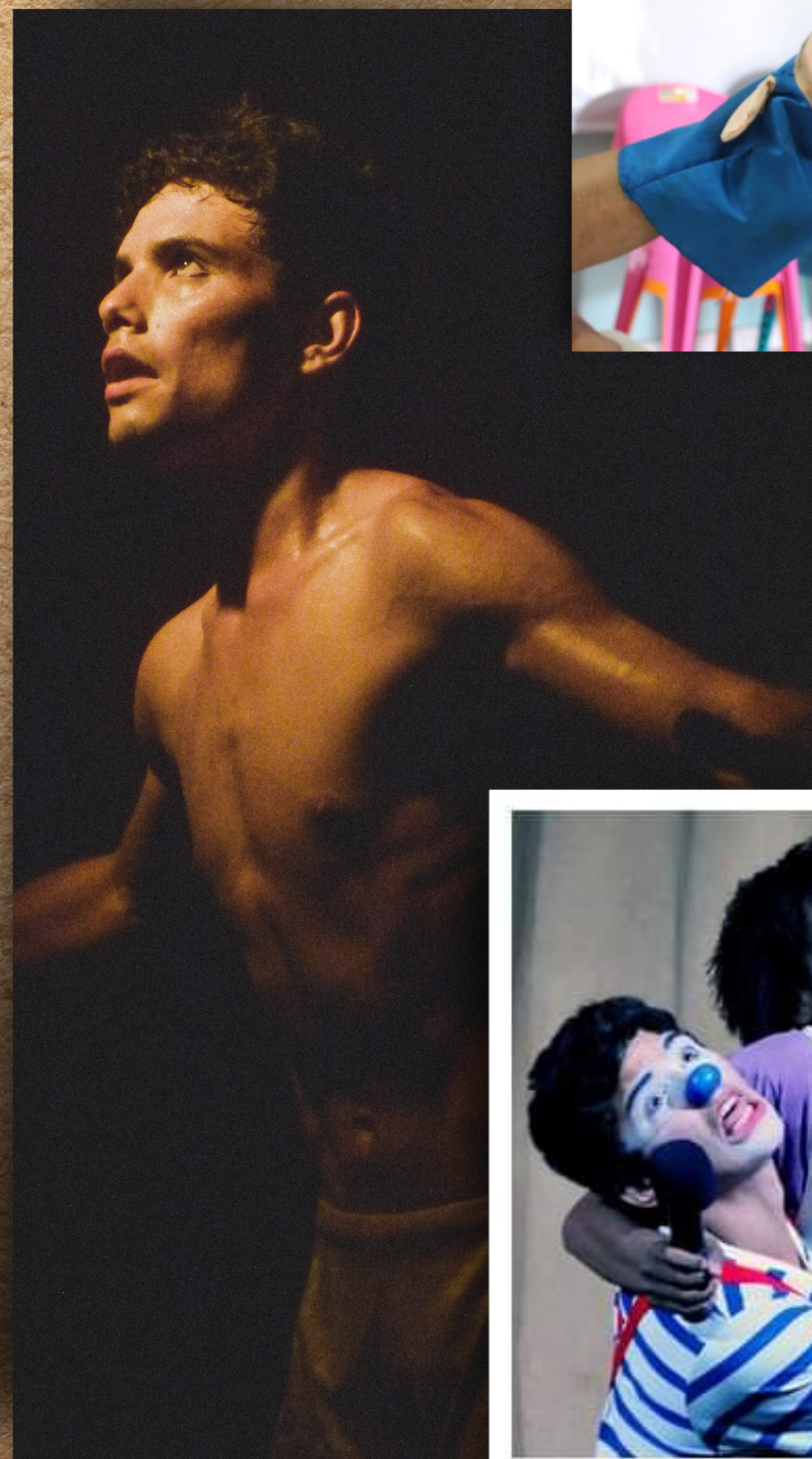
O Contador questionava a medida que mais tijolos amarelos apareciam naquela jornada. É claro que sua dramaturgia, aquela altura, estava derramada em melancolias que estava a vivenciar, refletindo aquilo que naturalmente queria expressar. Ouviu de professores que admirava que havia sido muito bom. Sorriu todo sujo de tinta, as cores nem sangue pareciam, era tudo colorido pois o personagem havia destruído naquela história a sua primeira obra de arte: Ana

Pensaria o Contador que naquela sua própria estrada de tijolos amarelos poderia tomar o caminho que quisesse? Era o primeiro monólogo e o ponto de partida sugeria que uma mulher havia morrido, e que se chamava Ana. Quem sou pra essa Ana? Onde moro? Sou seu amigo, namorado? Seria minha mãezinha ou alguém que nunca quis me despedir?

Escrever e encenar para um Contador de Histórias talvez sejam processos que mais os inquietam.

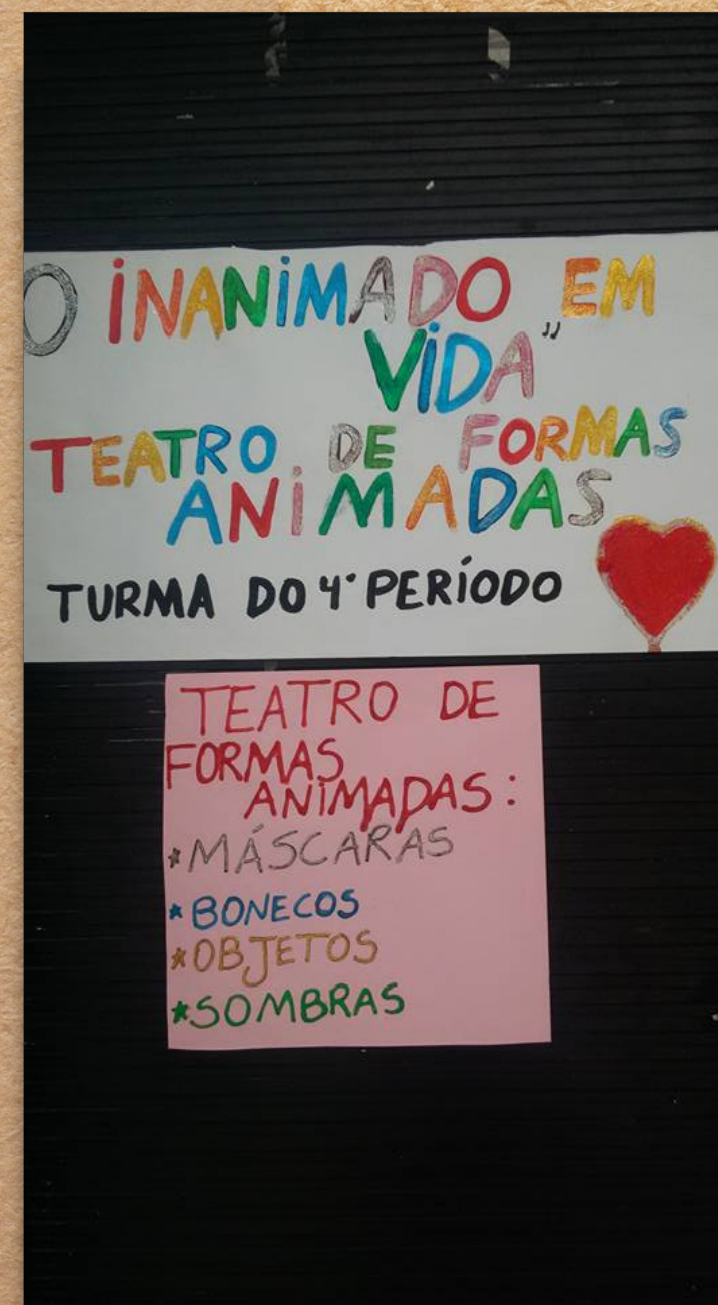
O Contador, embora quisesse muito continuar a escrever, passou a viver outras tramas já escritas. Na faculdade, foi Darandina, Carmem de La Zone, Um Capataz Amarelo, Dono de bordel, Alecrim Dourado, palhaço e até Ícaro, da mitologia grega. Havia em cada proposta, uma preocupação de todo o elenco e direção com o jogo que se estabelecia. Para o Contador era uma experiência única, estar ali com outros artistas aprendendo sobre **jogos teatrais**.

O Jogo de cena, ou seja, a consciência coletiva sobre a cena entre aqueles que contam histórias juntos é também a essência daquilo que é contado. Os atores que conhecia estavam a criar personagens que tinham um tempo próprio para mover-se, falar, olhar para o outro e para também ouvir, criar uma escada para a próxima fala, criar a expectativa, elucidar o mistério devagar junto aos outros personagens. A experiência do jogo que vos conto (o que? quem? onde?) era um dos recursos mais valiosos para o Contador. As camadas de cada linguagem (o **Teatro de Formas Animadas**, o Drama, a Tragicomédia, a Palhaçaria, as oportunidades de experimentar a direção já traziam naquela altura um vocabulário muito maior, mais consistente e com possibilidades na ponta da língua.



O **Teatro de Formas Animadas**, por exemplo, foi uma das linguagens que mais o Contador se relacionou durante a faculdade, era incrível poder conhecer, criar, confeccionar bonecos e formas que ganhavam vida em cena. A turma era ministrada por Vanessa Bordin, que à época propôs uma mostra, um espaço em que poderíamos ver os trabalhos dos demais e também expor os nossos.

Lá, o Contador fez uma vidente, uma boneca enorme e pomposa. Seus gestos, triagulações, pausas e movimentos se aliavam a leitura de obras como as de **Ana Maria Amaral**. **As leituras o estimulavam a reconhecer aquilo que fazia os espectadores se conectarem com as cenas*** e o conduzia a pensar mais em como desenvolver histórias junto a essa linguagem, trabalhando a dramaturgia, narração e encenação harmonizadas, bem como as que assistia antes de durante a faculdade.



** A criança naturalmente dá vida a tudo que toca. Relaciona-se igualmente com o mundo vegetal, mineral, animal e material. Anima objetos e se comunica com a natureza. Fala com as plantas, com as árvores, com as pedras, colheres e cadeiras, com seu gato, ou com um macaco selvagem criado em sua imaginação, conversa com o vento e com as nuvens. É naturalmente animista. É como se o seu pensamento, ou a sua consciência, estivesse ainda ligada a uma vida anterior, mas à medida em que vai atingindo a idade da razão, vai dela se afastando.*

(AMARAL, 1996, p. 171).

Sentir-se confiante no jogo do teatro e da vida era um combustível, a segurança de que ele poderia jogar-se também no vazio, como diria **Anne Bogart**.

Confiar em saltar e estar suspenso no ar para então firmemente aterrissar requereria estar presente, confiando em sua própria bagagem e se permitindo fazer um teatro que também é contado pelo povo e suas versões.

A Faculdade foi essencial para o Contador, sentia ele que era como se sua mala de histórias fosse ficando mais cheia e ainda assim tivesse espaço para guardar novas experiências, afinal, nesse jogo de preencher os vazios, ideal mesmo seria estar sempre pronto para improvisar, deixar espaços, ouvir o silêncio entre uma fala e outra para então a história continuar.

**Que em seu livro "A Preparação do Diretor" escreve: Todo ato criativo implica um salto no vazio. O salto tem de ocorrer no momento certo e, no entanto, o momento para o salto nunca é predeterminado. No meio do salto, não há garantias. O salto pode muitas vezes provocar um enorme desconforto. O desconforto é um parceiro do ato criativo – um colaborador-chave. Se seu trabalho não o deixa suficientemente desconfortável, é muito provável que ninguém venha a ser tocado por ele.*



UM PASSARINHO ME CONTOU

Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reavivar o sagrado.

BUSATTO, 2003 (p. 45-46).

Diziam ao Contador que quando um passarinho contava uma história, carregava com elas diversas versões, costuras do que ouvia por aí pelo mundo afora. Isso o fazia pensar em ter um projeto por onde poderia ser passarinho também e sair por aí contando e recontando versões de causos. Imagino uma semente a ser regada, e neste solo fértil em que se encontrava o Contador, bastava colher aquilo que havia aprendido sobre escrever e adaptar, e, assim o tentou fazer. Dessa colheita, novos frutos traziam novas sementes, uma delas foi o primeiro espetáculo com o [Coletivo de Histórias](#)

O Jaraqui Dourado



O **Jaraqui**, que era dourado, era também mistura do disse-me-disse que surgia em cena.

Na história, adaptação do conto popular Peixinho Dourado, um casal ribeirinho está a participar de um Festival de pesca, até se depararem com um Jaraqui mágico capaz de mudar suas vidas. Tais mudanças dentro dessa história, é claro, não escapariam aos olhos e ouvidos de quem assistia, sempre haviam novos desejos ao peixe, pedidos impossíveis, mas que esperavam que a mágica do faz-de-conta pudesse atender.



O que sei é que essa história ainda não tem bem um fim,
mas,
por aqui,
deixo a imaginação solta no ar,
como uma nuvem carregada de expectativa
Quantas histórias que se cruzam ainda precisaria contar?
Com um respirar calmo, abraço essas memórias e do Contador que há em mim e por
alguns momentos posso até sentir o cheiro daquela flor que lhes contei.

REFERÊNCIAS

- BEDRAN, B. A arte de cantar e contar histórias – narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BUSATTO, Cléo. Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
- TAHAN, Malba. A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro – Conquista, 1961.
- BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- HUSTON, Nancy. A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2010
- BOGART, Anne. A Preparação do Diretor. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- AMARAL, Ana Maria – 3ª ed. – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1996
- AMARAL, Ana Maria. Teatro de Formas Animadas: Máscaras, Bonecos, Objetos. 3.ed. São Paulo: Edusp, 1996.
- IDEM. Teatro de animação. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil. São Paulo: Scipione, 1995.